

Lutas e a cultura corporal do movimento: dialogicidade, dualidade, *He* e *Ren*

Sérgio Oliveira dos Santos¹
Eduardo Okuhara Arruda²

Resumo: Este artigo, de natureza teórica, traz uma análise das lutas como expressão humana na perspectiva da Cultura Corporal do Movimento com o objetivo de compreender suas contribuições enquanto conteúdo pedagógico para as aulas de Educação Física escolar. A partir das suas contextualizações sociohistóricas, e com a intenção de possibilitar a construção de vivências que valorizem relações mais humanizantes, buscou-se os conceitos de dialogicidade, dualidade, *He* e *Ren* como forma de traduzir um importante caminho pedagógico de construção da alteridade como sentido e significado para as experiências práticas das lutas, artes marciais ou modalidades esportivas de combate.

Palavras Chave: Luta, Educação Física Escolar, dialogicidade, dualidade, *Ren*, *He*.

Abstract: This article presents an analysis of fights as human expression from the perspective of Corporal Culture of Movement in order to understand their contributions as educational content for school P.E. classes. From socio/historical contextualization, and with the intention of enabling the construction of more humanizing experiences, we seek the concepts of *dialogicity*, *dualidade*, *He* and *Ren*.

Keywords: Fight, Physical Education school, dialogicity, dualidade, *Ren*, *He*.

Introdução

Diversas são as possibilidades e referências para tratar da luta enquanto um projeto educativo a ser desenvolvido como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar (EF_e) e, dessa forma, adotamos a perspectiva teórica da Cultura Corporal do Movimento (CCM) como referencial norteador, pois acreditamos ser adequado ao nosso problema de investigação.

O presente artigo pretende aprofundar a compreensão dos componentes educativos da cultura corporal da luta explorando o sentido³ de alteridade⁴ apoiando-se nos conceitos de dialogicidade, dualidade, *He* e *Ren* para tratar pedagogicamente das relações humanas hodiernas.

E dessa complementaridade conceitual traçar-se-ão possíveis caminhos de orientação para que os professores e professoras de EF_e sintam-se sensibilizados e interessados em propor a seus alunos e alunas conteúdos pedagógicos em forma de

¹ Doutorando e Mestre em Educação (UMESP); Coordenador do Núcleo de Formação de Judô – SCS; Membro fundador da REMoHC (Rede Educativa de Motricidade Humana e Corporeidade); Professor de Educação Física e Judô da PMSCS; Bolsista CAPES/PROSUP.

² Mestre em Educação Física (UNIMEP); Docente da UMESp no Curso de Educação Física e do Núcleo de Formação Cidadã, Membro do Comitê Executivo da Cátedra Gestão de Cidades. Docente da Unifitalo no Curso de Educação Física. Coordenador Projeto Práxis Capoeira na UMESp; Coordenador do Projeto de Capoeira no Instituto Padre Leo Comissari.

³ Em Betti (2007, p.211) entende-se o sentido como fenômeno lingüístico de produção de significado tratado como objeto de estudo da semiótica. Trata-se da leitura do mundo pela linguagem humana a partir da interpretação das diferentes naturezas de signos que representam algo ou algum fenômeno. Ao se tomar como referência Josgrillberg (2014, p. 20) tem-se a compreensão da distinção entre sentido e significado sendo que o primeiro “aponta para uma amplitude semântica maior” uma vez que “assume as características próprias da proposições”. Assim, para o autor: “O sentido tende a disseminar-se e abranger outros campos semânticos. O significado tende ao conceito; o sentido tende à metáfora. O sentido não é uma esfera a parte, mas uma reserva de sentido por onde transitamos com significados.”

⁴ Alteridade, vem do latim, *alter*, *alteritas*, outro.

luta e que, através de experiências corporais, possam desencadear um processo consciente⁵ de construção de sentidos e valores mais humanizantes.

Não se tratará aqui de apresentar propostas de atividades práticas. O foco é analisar conteúdos atitudinais, portanto, valores, sentidos e significados para as experiências de luta que, na perspectiva que se propõe, também devem ser considerados como conteúdos de ensino, inabitualmente, explorados.

Como pode o professor de EFe tematizar as aulas de luta na escola? Que sentidos educativos podem ser atribuídos às atividades de luta de maneira a promover uma leitura consciente da realidade? Que sentidos e significados trazem os alunos e alunas sobre as práticas de luta? Como as lutas podem desencadear reflexões dialógicas nas relações inter-humanas? As lutas, à luz da perspectiva da CCM, explorando os conceitos de dialogicidade, dualidade, *He e Ren* podem contribuir na construção da alteridade?

Ao compreender a luta como um diálogo concreto, vivido, também acredita-se ser significativo o desencadeamento de diálogos de sentidos e significados para que a prática não se isole de um contexto cultural mais amplo.

Nesse sentido, faz-se necessário uma incursão na dimensão da linguagem com seus signos e significados e, dessa forma, explorar mais radicalmente os processos interpretativos da luta como afirma Betti (2007, p.215): "...a Educação Física não pode mais ser concebida como intervenção palavra que denota intenção autoritária, mas como inter-locução (diálogo), inter-pretação (o que está "entre")".

Na educação parece ser fundamental desenvolver os sistemas de sentidos que favoreçam a sensibilização onde se pode construir consensos de valores humanistas (LIPOVETSKY, 2007, p. 343).

Estamos diante de uma realidade onde cresce proporcionalmente o consumo de bens e serviços, tão como os sentimentos de exclusão, o individualismo, a dificuldade de reconhecimento do outro, o fracasso, a frustração associados ao forte desejo de construção de identidade, dignidade e reconhecimento pessoal (LIPOVETSKY, 2007, p. 183).

Isto posto, pretende-se, à luz dos conceitos aqui defendidos, suscitar algumas reflexões acerca das contribuições das lutas enquanto conteúdo pedagógico para as aulas de EFe associadas as contextualizações do cotidiano das relações inter-pessoais com a intenção de possibilitar a construção de um projeto educativo que aponte para uma práxis cotidiana da alteridade⁶.

Importante salientar que se trata de um estudo de natureza teórica cujas reflexões estão fundamentadas numa orientação hermenêutica⁷ avançando metodologicamente numa perspectiva mais integrativa.

⁵Filho (2008, p. 90-91) apresenta como objeto de estudo da Educação Física o "movimento humano consciente" definido como "todas as manifestações de movimento corporal do qual o indivíduo pode formar uma representação psíquica, através de qualquer sistema de signos, manifestações essas que podem ser submetidas a seu controle voluntário ou, pelo menos, a sua observação consciente". Para esse estudo tomamos essa definição como referencial.

⁶ Como aponta MOLAR (2008) não se trata de pensar conceitualmente a alteridade sem que haja uma prática cotidiana que a legitime. Não é um conceito pra ser construído num discurso somente, é preciso que a intervenção pedagógica seja cotidianamente vivenciada nas ações, portanto, *práxis*.

⁷ Para Manuel Sérgio (2008, p. 25) hermenêutica é a ciência e a arte da interpretação. "Quem diz hermenêutica diz compreensão e compreender é captar o sentido. Mas o sentido é captado através de signos, designadamente os signos da linguagem. Sentido e linguagem são os dois elementos-base da realidade humana e da sua compreensão."

Cultura Corporal do Movimento: reflexões e perspectivas norteadoras.

A Cultura Corporal do Movimento (CCM) surge como uma alternativa de perspectiva pedagógica para a área da EFe. Objetiva transcender a restrição de seus conteúdos somente à prática dimensionando-os às questões históricas e suas representações socioculturais nas diferentes manifestações corporais do homem.

A partir de uma preocupação com que se deve ensinar na Educação Física, surgiu a proposta de cultura corporal do movimento, representando uma perspectiva que fundamentaria a intervenção pedagógica do professor. O que se estuda na área são os conteúdos propostos historicamente no Brasil, valorizando as diferenças regionais, os jogos, os esportes, as ginásticas, as lutas e a Capoeira. (DARIDO; RANGEL, 2005, p.28)

Para que se compreenda a perspectiva da CCM faz se necessário um reposicionamento da EFe, visto que essa concepção fundamenta-se num sentido antropológico de cultura em um tempo e espaço situado.

O ser humano é um ser de cultura. O conceito de cultura é aqui entendido como produto social, ao qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os. A cultura é o conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo, neles o indivíduo é formado desde o momento da sua concepção. Nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os valores, por eles é mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta, da maneira como cada grupo social concebe (BRASIL, 1997).

Dentre as produções culturais, algumas foram incorporadas pela EFe em seus conteúdos como o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e as lutas. Na perspectiva metodológica da CCM os conteúdos são desenvolvidos para além da prática, assumindo uma dimensão da práxis, propondo uma mudança de atitude do (a) professor (a) no sentido de desenvolver seu conteúdo numa perspectiva que fomente a reflexão, a vivência e construção de valores.

No tocante as questões pedagógicas, o processo de ensino e aprendizagem busca contemplar estratégias, formas de avaliação e, sobretudo, orientar sua práxis pedagógica a partir de uma concepção aberta de aula.

A área de EFe, portanto, contempla uma miríade de conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. Entre eles, consideram-se fundamentais as atividades culturais do movimento com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde. (BRASIL, 1997).

A concepção de Cultura Corporal amplia a contribuição da Educação Física escolar para o pleno exercício da cidadania, na medida em que, tomando seus conteúdos e as capacidades que se propõe a desenvolver como produtos socioculturais, afirma como direito de todos e o acesso a eles. Além disso adota uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos. (BRASIL, 1997, p. 24).

O sentido dessa perspectiva pressupõe ressignificações na compreensão dos conteúdos da EFe, representados pelas diferentes linguagens corporais historicamente e culturalmente construídas e, especialmente, aponta para uma nova perspectiva metodológica e pedagógica.

O posicionamento daqueles que defendem a CCM é representado por uma perspectiva dimensional dos conteúdos e, ainda, que tais conteúdos, vivenciados na prática, sejam geradores de uma reflexão crítica a uma nova visão de mundo, portanto, reconstrução de sentido.

Essa abordagem representa uma concepção que pode ser entendida como renovada na EFe já que aponta para diversidade cultural como conteúdo, suas contextualizações socioculturais e históricas. Cabe reiterar que a CCM, a partir dessa análise, muda sua perspectiva de aula prática tão somente, para uma aula que contemple os processos dialógicos que valorizem a construção de sentidos por intermédio da linguagem.

As lutas: o processo de construção de sentido e a Cultura Corporal de Movimento.

Lutar é uma condição humana, uma forma de se mostrar presente frente às vicissitudes que a vida oferece. A luta pela vida, para o humano, é sua ferramenta para fazer frente, de certa forma, à pro-vocação da natureza (Heidegger, apud. SERGIO, sd, p. 62), isto é, fazer desenvolver o potencial de sub-existência do humano. Por outro lado o humano também luta por reconhecimento em torno da auto-afirmação, assim, caminha na direção da reciprocidade, uma necessária condição de saber-se-no-outro o que possibilita o desenvolvimento da identidade, pois “ não há como experienciar-se integralmente como sujeito sem reconhecer o parceiro de interação como pessoa” (RAVAGNANI, 2009, p. 45).

O reconhecimento do outro que fundamenta a identidade e a autoconfiança naturalmente promove o direito igualitário de um bem-viver. A luta, pensada nessa dimensão, ultrapassa o sentido de combate de uns contra os outros e apresenta a possibilidade de pensá-la como um caminho a ser percorrido para a evolução da nossa condição humana.

É possível que a luta, como prática cultural e política, tenha sido marcada, historicamente, por combates reais que se desenvolveram por forças políticas e militares na conquista de riquezas e territórios, entre tantos outros motivos. Assim, cabe perguntar: o que a humanidade aprendeu com todas essas formas de luta?

As lutas com origem na barbárie ou em rusgas e querelas de vários matizes, como forma de manter a honra, foram, em muitas sociedades sendo substituídas, sob a égide dos direitos humanos, promovidos pela nova ordem social de controle do Estado, dando origem a muitas modalidades de esportes de combate da atualidade, seus representantes simbólicos, respeitando, evidentemente, as condições sociohistóricas de cada uma delas.

A reflexão que se coloca, por sua vez, direciona essa a análise para denunciar um tipo de barbárie cotidiana⁸ que se vê em quase todas as atividades humanas, marcadas por diversas manifestações de intolerâncias, muitas delas tratadas como comuns e normais, cujas ferramentas de sua veiculação e suas motivações são diferentes das antigas guerras feudais e que estão muito distantes, pra não dizer na contramão, das intencionalidades que se pensa ser adequadas aos propósitos

⁸ Aqui usamos o conceito como toda ordem de descaso nas relações inter-humanas que, por se tornam comuns e despercebidas, promovem o distanciamento e a intolerância entre as pessoas.

educativos que as modalidades de lutas⁹ podem proporcionar nas aulas de EFe. Desvela-se com isso a tentativa de tirar da “normalidade” aquilo que revela o descaso ao valor humano ou a busca de mecanismos de aproximação inter-humana que foi destituída pelo fenômeno da individualização.

A cultura da luta, na concepção da valorização do direito humano, está distante dos sujeitos, uma vez que é pouco discutido ou trabalhado nos processos educativos escolares por diversos fatores que esse estudo não pretende abraçar como objeto de análise. Acredita-se, por assim dizer, que estamos perdendo um excelente recurso de formação do processo de humanização a partir da possibilidade de construção da alteridade, da complementaridade e da consciência de interdependência a partir de vivências corporais significativas promovidas pelas atividades educativas das lutas como prática da CCM.

O que pode-se apreender com a trajetória histórica das modalidades de luta e que nos permitirá utilizá-la como componente educativo para tratar da construção da alteridade nas relações em espaços educativos promovidos pela EFe?

A partir dessas reflexões que se vinculam a uma perspectiva epistemológica da semiótica, de uma filosofia da dualidade e, ainda, que se orienta a partir da CCM, que se pretende propor uma reconstrução da concepção pedagógica dos profissionais de Educação Física que atuam nas escolas, de modo a fomentar uma ressignificação das lutas, isto é, despertar um olhar que valorize, acima da lógica da racionalidade individualizante as relações humanas¹⁰.

Para compreender a relação sujeito-sujeito-objetivo na prática das lutas.

Como atividade de combate, a luta é, em geral, a interação de duas intencionalidades (A-B) promotoras de um contato direto da intersubjetividade sendo esta entendida como um modo de relação de UM com o OUTRO, uma forma de reciprocidade.

A esse fenômeno, e para efeito de nossa análise, entende-se a luta como um diálogo e, mais que isso, a valorização do ser dialógico como uma estratégia educativa para estabelecer uma reflexão frente à alteridade nas relações humanas.

Ao tratar do vínculo que une um-ao-outro no domínio do inter-humano na relação entre adversários, Buber (1982, p. 137) afirma:

A única coisa importante é que, para cada um dos dois homens, o outro aconteça como este outro determinado; que cada um dos dois se torne consciente do outro de tal forma que precisamente por isso assuma para com ele um comportamento, **que não o considere e não o trate como seu objeto, mas como seu parceiro num acontecimento da vida**, mesmo que seja apenas uma luta... (grifo nosso)

⁹ Del Vecchio e Franchini (2012, p. 10) apresentam distinções entre os conceitos de Lutas, Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate. Para efeito de nossa análise entendemos o termo luta como praxis humana que vai além da ação de combater através das técnicas específicas de cada modalidade. Procuramos explorar o conceito antropológico para a luta como fenômeno que possibilite a construção da identidade do inter-humano e não somente a possibilidade de vencer o outro a partir das técnicas de combate. Pensamos ser esse um significativo fenômeno educativo a ser explorado uma vez que, por ele, é possível tornar visível o sentido da luta enquanto alteridade e complementaridade, relacionando-os com a carência na formação dos valores humanos contemporâneos.

¹⁰ O esporte em geral e as lutas em especial podem veicular exemplos de dignidade humana. Se precisamos de motivos pra lutar que seja “fight for more humanity”. Veja o vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=kJBLEPMcX2s>.

A essa esfera de pertencimento entre os seres humanos, que ao agirem numa mutualidade completam-se considerando a participação do parceiro indispensável, uma condição de ser um-ao-outro que chama-se “dialógico” (BUBER, 1982, p. 138).

Wunenburger (1990, p. 205) apresenta também um conceito fundamental para compreender o que é o ato de lutar do ponto de vista esportivo, educativo e humanista chamado dualidade.

A dualidade é inseparável de uma tensão em sentidos opostos, que sustenta um conflito dinâmico entre pólos e suscita portanto uma contradição para ser representada. Este dispositivo não é, no entanto, binário, ou dual, não se limita a um fazer-frente um ao outro. O sistema energético, formado por essa força bipolarizada em sentido contrário, obedece a um desenvolvimento ternário em virtude de uma lei de tensão alternante: o fortalecimento de um pólo assenta na potencialização do outro, do mesmo modo que a actualização deste último leva a que o primeiro seja repellido. Este dois estados extremos de um sistema de forças podem enfim ser substituídos por um **terceiro estado energético** no qual duas forças se repelem e se actualizam igualmente, e criam, por conseguinte um estado de conflito máximo, resultante do seu equilíbrio recíproco. (WUNENBURGER, 1990, p. 205). Grifo nosso.

A terceira força da qual fala o autor é a representação de uma complexidade dinâmica. Esse dinamismo que a princípio possa ser entendido como um antagonismo energético, na verdade, é um sistema de energia que não deseja valorizar um mecanismo identitário para privilegiar o mais forte, uma vez que a identidade de um depende do contato com o outro por uma questão de delimitação, mais a construção de um processo de harmonização das forças promotoras da polarização dinâmica que ocasiona uma “lógica do terceiro incluído” (WUNENBURGER, 1990, p. 254).

Esse ponto de interação lingüística também pode ser interpretado como “voz média, ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante...” (LAUAND, 2007, p.185).

Essa energia, basicamente traduzida pela expressão “contraposição somada” (SANTOS, 2012, p.51) é, na verdade o ponto de ligação exercida pela linguagem, o grupo de técnicas específicas de uma determinada modalidade esportiva de luta associada a um determinado sentido e significado para essa prática. Cabe ao professor e a professora de Educação Física explorar essa dimensão lingüística e, por intermédio dela, construir conceitos valorativos que preservem e enalteçam valores mais humanizantes, em especial o de alteridade.

Para tal, o professor e a professora e seus alunos e alunas, podem tomar como temática das proposições práticas da luta a ser aprendida nas aulas, ideias e conceitos que possam auxiliar na construção dos valores que traduzam relações humanas mais equilibradas, comparando-as com as situações vividas no cotidiano.

Interessante aproveitar uma abordagem que Bueno (2013) apresentou pois, ao tratar de harmonia e diferença levanta a questão: Vivemos em tempos em que todos chamam por “igualdade”; mas, precisamos mesmo de igualdade ou de harmonia entre as diferenças?

E, para tratar do tema apresentou um conceito de Confúcio bastante significativo para que se possa avançar nas análises aqui formuladas chamado *He* traduzido como harmonia que implica na “compreensão do processo da

interdependência que existe entre as diferenças, é o arranjo eficaz que será feito para que ambas se alimentem e se aperfeiçoem indefinidamente, gerando a continuidade” (BUENO, 2013. p. 77).

A respeito do processo de harmonização pode-se trazer como contributo filosófico o também conceito do oriente chamado de *Ren* que, segundo Chia (2014, p. 117) é uma das principais virtudes ensinada por Confúcio que supõe vencer-se a si mesmo e a abertura de compreensão, solidariedade, amor, compaixão e compromisso com o outro. A possível tradução para *Ren* segundo Chia é *humanidade*, assim vemos:

Foneticamente, em chinês, *ren* é o mesmo, tanto para expressar caridade humana – vamos representá-la aqui com maiúsculo, *Ren* – como o próprio ser humano, pessoa, gente – para diferenciar, representamo-no no minúsculo *ren*. Tal identidade não é casual: na grafia, desde a antiga escrita, representa-se a caridade humana por “*dois ren*” (dois seres humanos).

Do ponto de vista semântico: tendo dois homens monta-se uma relação interpessoal. Assim a humanidade, o *Ren*, diz respeito ao como deve ser a nossa postura frente ao tudo que pode haver entre duas pessoas – como se respeitar; como se amar; como se relacionar; como se entender; como lidar com as semelhanças e as diferenças, com a desarmonia, discordância e outros sentimentos humanos. (CHIA, 2014, p. 118)

Ambos os conceitos de Confúcio só tem propósito se ordenarem o sentido na evolução e garantia de direitos de desenvolvimento das potencialidades individuais e coletivas onde as diferenças não sejam as de acesso aos valores materiais e humanos mínimos para que as identidades sejam construídas em harmonia.

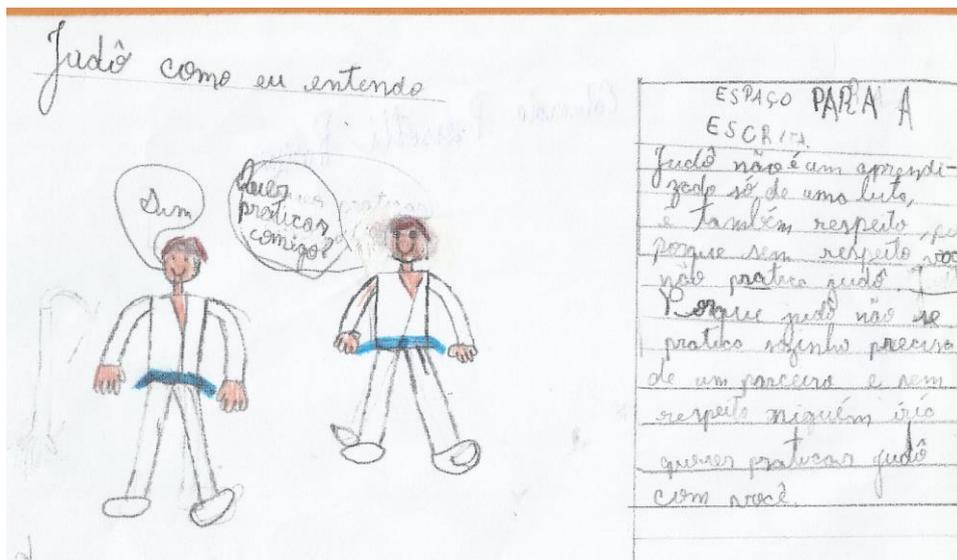
Nesse sentido a atividade de luta na escola, independente do tipo de vivência prática, pode, a partir desses conceitos, explorar a luta pelo desenvolvimento humano democrático, lutar contra o descaso, a segregação, a exploração do corpo, etc.

Por esse motivo é exatamente a lógica do terceiro incluído que interessa nesse estudo, pois é na compreensão desse fenômeno que propõe-se organizar as atividades de luta como fundamento educativo. Essa lógica pode explicar, por exemplo, por que existe a desejabilidade para a luta e a formação do respeito mútuo pelos seus praticantes. Pode também explicar porque os humanos que se dedicam as práticas de esporte de combate ou artes marciais constroem, em geral, um tipo de relação de respeito não encontrada em outras práticas da CCM.

A relação de proximidade vivida na aula/treino de luta precisa ser analisada para além da visão técnica, não para negar sua importância mais para complementá-la.

Buscaram-se dados para afirmar que a ligação entre os seres que lutam, independentemente da modalidade em questão e seu universo de técnicas, é feita pela linguagem e, sendo essa formadora do sentido, significado, deve ser conscientemente foco de intervenção do educador e da educadora.

Alguns desses dados foram coletados a partir da solicitação de registro escrito e desenho de crianças praticantes de judô entre 6 a 12 anos sobre o sentido, significado da prática da luta a partir da proposição: Faça um desenho e escreva sobre o tema: “judô como eu entendo”. Muitos dos trabalhos tornaram evidente a construção do processo de alteridade, reconhecimento do outro, interdependência e ajuda mútua que a prática da luta pode proporcionar como o exemplo a seguir:



Acima - E.P.R (9 anos – faixa azul claro). Legenda: Judô como eu entendo. Um: *Quer praticar comigo?* Outro: *Sim*. Espaço para escrita: *“Judô não é o aprendizado só de uma luta, é também respeito, porque sem respeito você não pratica judô. Porque judô não se pratica sozinho precisa de um parceiro e sem respeito ninguém iria querer praticar judô com você”*. Abaixo - G.O. (7 anos – faixa vinho). Legenda: *“Judô é legal contanto que a pessoa respeite e ajude. Quem não faz isso não faz judô”*.¹¹



Esse estudo, portanto, não trata somente de uma possibilidade teórica, não obstante, tem resultados efetivos das análises descritas.

Nessa linha de pensamento, pode-se então inferir que o humano, como ser carente, é prático; e como ser prático é um ser de relações, ser de encontro e de diálogo, aberto ao mundo, aos outros e a transcendência. No fenômeno da intersubjetividade é decisivo tratar particularmente da relação com os outros, do seu diálogo com o TU, pois a existência humana é dialógica (FEITOSA, sd, pág. 101).

Para complementar nossa análise, há outras indagações imanentes: Por que, afinal de contas, o humano luta? Quais suas intencionalidades? O que realmente pode ser compreendido na relação entre a dialogicidade de Buber, a dualidade de

¹¹ Trabalhos autorizados para publicação a partir de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Wunenburger, os conceitos de *He* e *Ren* de Confúcio, com as atividades de lutas contemporâneas e como, a partir daí, é possível explorar esses conceitos nas atividades educativas em busca da construção da alteridade.

De fato, podemos nos comunicar por meio da luta. Como toda atividade corporal a luta apresenta códigos linguísticos significantes e significados. É um falar com o corpo todo.

O sentido que é dado para as lutas, tomando como referência as análises apresentadas, abrem caminho para explorar as possibilidades corporais, linguísticas e educativas das lutas nas aulas de EFe.

Mesmo com tantas diferentes intencionalidades que dão sentido para o ato de lutar, todas elas possuem um potencial dispositivo para possibilitar a emancipação do humano e, mais que isso, estão interconectadas por um conceito que muito se fala e pouco se entende: o respeito mútuo.

O respeito mútuo, que se traduz em considerar o outro e não negá-lo, é o que torna as lutas possíveis, independente da natureza da intencionalidade. É esse conceito que separa a luta da barbárie onde o golpe deixa de ser visto como agressão e gesto de subjugar o outro e passa a ser entendido como uma forma de linguagem de aproximação, como observado nos desenhos anteriores.

Parece contraditório, mas é exatamente essa contradição que forma o conceito de *dualidade* proposta por Wunenburger. Por outro lado, a construção do conceito de respeito pela vivência da luta, vista como um complexo fenômeno que se propõe a estudar, apresenta diferentes possibilidades, considerando a intencionalidade dos que lutam.

Considerações Finais

Assim, à luz dos conceitos de dialogicidade, dualidade, *He* e *Ren*, para dar um sentido humano ao fenômeno da luta, buscou-se a construção de reflexões para reinterpretar as lutas, e a própria Educação Física como componente curricular, na perspectiva de uma área carente atinente as questões humanizantes.

Portanto, não tratar o corpo do outro como simples objeto, construir um sentido de interação que reconheça o outro como legítimo outro pelo sentido da interdependência formadora da alteridade, valorizar uma prática que não reduza a habilidade adquirida única e exclusivamente para um modelo competitivo, favorecer os processos lúdicos e criativos e auto-organizativos nos espaços de vivência e convivência são, entre outras, possibilidades de significar a o conteúdo das lutas.

Mais que isso, essa manifestação humana pode e deve ser explorada como conteúdo pelos professores e professoras de EFe e, mormente, se a intenção maior e for discutir a temática da luta por humanidade, onde se possa dialogar em torno de questões relativas ao reconhecimento do outro, o direito e valorização da vida, a interdependência, a reciprocidade, o respeito mútuo entre outros valores humanos fortalecidos pelos conceitos de dialogicidade, dualidade, *He* e *Ren* e resumidos num único valor, a alteridade.

Assim, nossa perspectiva advoga uma educação para a liberdade do corpo, onde cada um possa expressar os seus sentimentos e desejos. Não obstante, expressão e liberdade dentro das suas possibilidades individuais e corporais, sem as determinações disciplinares do corpo pelos padrões estabelecidos, sem a competição e a derrota do outro como prioridade e, sobretudo, que cada um de forma consciente reconheça em seu corpo a representação de um corpo vivo, ativo, criativo, autônomo, belo, artístico, poético, solidário, alegre, político, e que possa expressar o corpo para

amar, compreender, doar, experimentar, criar, fazer, sentir prazer, se libertar, enfim, viver plenamente esse corpo em plena harmonia com o corpo do outro.

Portanto, devemos dizer assim aos nossos alunos e alunas enquanto lutadores: “sintam-se inteiros e reconheçam todas as suas múltiplas potencialidades humanas, consigo mesmo e com os outros, pois estamos constantemente lutando”.

Referências

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BETTI, M. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. *Revista da Educação Física/ UEM*. Maringá, v.18, n.2, p. 207-217. 2. sem. 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3277/2343>

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

BUENO, A.S. **Harmonia e diferença**. *Revista Filosofia: ciência & vida*. Ano VII, n.83. jun. 2013. Disponível em: <http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/83/artigo290470-1.asp>

CHIA, H.Y. **Ren e Educação: a plenitude do humano – o livro IV dos Analectos**. *Revista Notandum*, Ano XVII, n. 35-36, mai-dez, 2014, p. 117-126. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand35/117-126chiaAnalect.pdf>

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. **Educação Física na escola: Implicações para uma prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

FRANCHINIE ; DEL VECCHIO, F.B. **Ensino de lutas: reflexões e propostas de programa**. São Paulo: Scortecci, 2012

FEITOSA, A.M. **Contribuição de Thomas Kuhn para uma epistemologia da Motricidade Humana**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, sd.

FILHO, C.K. **Educação Física: uma nova introdução**. São Paulo: EDUC, 2008.

JOSGRILBERG, R. O mito, uma interpretação metafórica. In: **Estudos em antropologia e linguagem**. São Paulo: Factash Editora, 2014.

LAUAND, J. **Filosofia, linguagem, arte e educação; 20 conferências sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Factash Editora, 2007.

LIPOVETSKY, G. **La felicidad paradójica**. Barcelona: Anagrama, 2007.

MOLAR, J.O. **Alteridade: uma noção em construção**. Artigo. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/493_215.pdf

RAVAGNANI, H.B. **Luta por reconhecimento: a filosofia social do jovem Hegel segundo Honneth**. *Revista Kínesis*, Vol. I, nº 01, Março-2009, p.39-57.

SANTOS, S.O. **Um modelo relacional da motricidade**. *Collatio* 11 abr-jun 2012 CEMOrOc-Feusp / IJI - Univ. do Porto, p. 45-54. Disponível em: <http://www.hottopos.com/collat11/45-54Sergio.pdf>. Acesso em 12/04/2014.

SERGIO, M. **Textos insólitos**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

_____. **Filosofia das actividades corporais**. Lisboa, Compendium, sd.

WUNENBURGER, J.J. **A Razão contraditória – ciências e filosofia modernas: o pensamento do complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

Recebido para publicação em 15-04-14; aceito em 19-05-14